

Piquenique No Front
(Fernando Arrabal)
(Tradução de Jacqueline Laurence)

(Cenário: Um campo de batalha. Cerca de arame farpado de um lado a outro da cena. Perto da cerca vêem-se sacos de areia. A batalha está no auge. Tiros de fuzil, metralhadoras, bombas que explodem. Zapo está sozinho em cena, deitado de bruços, escondido entre os sacos de areia. Está com muito medo. O combate pára. Silêncio. Zapo extrai de uma bolsa de lona um novelo de lã, agulhas e vai tricotando uma suéter já quase pronta. O telefone de campanha, que está perto dele, toca)

ZAPO — Alo... Alo... Às suas ordens, meu capitão. Aqui fala a sentinela do Setor 47... Nada de novo, capitão... Desculpe, meu capitão... Mas quando é que a gente vai começar o combate? E o que é que faço com as granadas? Atiro elas pra frente ou pra trás? Não me leve a mal. Não falei por mal, meu capitão, eu estou me sentindo tremendamente só... O senhor não podia mandar um companheiro para cá? Podia ser até aquela cabra. *(Sem dúvida, é repreendido)* Às suas ordens, às suas ordens, meu capitão.

(Zapo desliga. Resmunga alguma coisa entre dentes. Silêncio. Entram o senhor e senhora Tépán, carregados como quem vai a um piquenique. Falam com o filho que, de costas, não percebeu a chegada deles)

SR. TÉPAN — *(cerimoniosamente)* Levante-se, meu filho, e dê um beijo na testa de sua mãe. *(Admirado, Zapo se levanta e beija a mãe na testa com muito respeito. Quer falar, mas o pai corta-lhe a palavra)* E agora me dê um beijo.

ZAPO — Paizinho e mãezinha queridos, como vocês se atreveram a vir até aqui? É muito perigoso. Vocês têm que ir embora.

SR. TÉPAN — Por acaso está querendo ensinar a seu pai o que é a guerra e o perigo? Para mim tudo isto não passa de uma brincadeira. Quantas vezes já saltei do metro em movimento.

SRA. TÉPAN — Nós achamos que você devia estar se aborrecendo, então, resolvemos te fazer uma visitinha. Afinal de contas esta guerra deve ser muito chata.

ZAPO — Às vezes.

SR. TÉPAN — Sei muito bem como é. No começo tudo é novidade: é muito divertido matar, atirar granadas; é muito chique usar um capacete, mas a gente acaba se chateando. No meu tempo a coisa era bem diferente. As guerras eram muito mais movimentadas, mais coloridas. E além do mais, havia cavalos, muitos cavalos. Era uma delícia; se o capitão dizia: "Atacar!", num minuto estávamos todos a postos, a cavalo, de uniforme vermelho. Era uma festa para os olhos. Depois vinham as investidas: a galope, espada na mão e, de repente, frente a frente com o inimigo que, por sua vez, também

estava à altura das circunstâncias, com seus cavalos, suas botas envernizadas, seu uniforme verde. Havia sempre cavalos, um montão de cavalos, de ancas roliças.

SRA. TÉPAN — Não, você está enganado, o uniforme do inimigo não era verde, era azul. Me lembro bem que era azul.

SR. TÉPAN — Estou te dizendo que era verde.

SRA. TÉPAN — Quando era menina, cansei de olhar a batalha do terraço. Eu dizia ao garoto do vizinho: "Aposto um chiclete que os azuis vão ganhar". E os azuis eram nossos inimigos.

SR. TÉPAN — Está bem, você ganhou.

SRA. TÉPAN — Sempre adorei batalhas. Quando era pequenina eu dizia que quando crescesse queria ser coronel dos dragões. Mas mamãe não quis, você sabe como ela é cheia de princípios.

SR. TÉPAN — Sua mãe é uma toupeira.

ZAPO — Desculpem, mas vocês vão ter que ir embora. Quem não é soldado não pode entrar na guerra.

SR. TÉPAN — A guerra que se dane. Viemos aqui para fazer um piquenique com você e vamos aproveitar o domingo.

SRA. TÉPAN — Preparei uma comida ótima: salame e ovos cozidos, que você gosta tanto, sanduíches de presunto, vinho tinto, salada e doces.

ZAPO — Está bem, como quiserem. Mas se o capitão vier aqui vai ficar uma fera. Ele não gosta nada de visitas na trincheira. Não pára de repetir pra gente: "Na guerra é preciso disciplina, granadas, mas nada de visitas."

SR. TÉPAN — Pode deixar o seu capitão comigo. Eu dou um jeito nele.

ZAPO — E se o combate recomeçar?

SR. TÉPAN — Você acha que isso me mete medo? Já vi muitos! Se ainda fossem batalhas a cavalos! Os tempos mudaram, você não pode compreender. *(Pausa)* Viemos de motocicleta. Ninguém disse nada.

ZAPO — Na certa pensaram que vocês estavam servindo de árbitros.

SR. TÉPAN — Mas não foi fácil chegar até aqui. Com todos esses tanques e jipes.

SRA. TÉPAN — E aquele engarrafamento por causa de um canhão, quase na chegada?

SR. TÉPAN — Em tempo de guerra tudo pode acontecer. Todo mundo sabe disso.

SRA. TÉPAN — Muito bem. Agora, vamos comer.

SR. TÉPAN — Ótima idéia, estou com uma fome de tigre. É o cheiro de pólvora.

SRA. TÉPAN — Vamos comer sentados sobre o cobertor.

ZAPO — Vou comer de fuzil?

SRA. TÉPAN — Deixa teu fuzil em paz. É falta de educação sentar na mesa segurando o fuzil. *(Pausa)* Mas, menino, você está sujo, como um porquinho. O que é que você fez pra ficar nesse estado? Deixa eu ver as mãos.

ZAPO — *(envergonhado)* Tive que me arrastar no chão por causa das manobras.

SRA. TÉPAN — As orelhas?

ZAPO — Lavei de manhã.

SRA. TÉPAN — Bem, estão mais ou menos. Os dentes? *(Ele mostra os dentes)* Muito bem. E quem é que vai dar um beijinho no seu filhinho que escovou muito bem os dentinhos? *(Ao marido)* Vamos, dê um beijinho no teu filhinho que escovou muito bem os dentinhos. *(O Sr. Tépan beija o filho)*

SRA. TÉPAN — Porque há uma coisa que não posso admitir, é que só por causa da guerra, você deixe de tomar banho.

ZAPO — Eu sei, mamãe. *(Comem)*

SR. TÉPAN — Então, meu filho, você tem acertado no alvo?

ZAPO — Quando?

SR. TÉPAN — Nesses dias, ora!

ZAPO — Onde?

SR. TÉPAN — Agora você não está na guerra?

ZAPO — Não. Quase nada. Quase nunca acerto o alvo.

SR. TÉPAN — O que é que você tem acertado mais: os cavalos inimigos ou os soldados?

ZAPO — Não, nenhum cavalo. Não tem mais cavalo, não.

SR. TÉPAN — Soldados, então?

ZAPO — Talvez.

SR. TÉPAN — Como talvez? Você não tem certeza?

ZAPO — É que eu atiro sem mirar... E rezo um padre-nosso pelo sujeito que acertei.

SR. TÉPAN — Você precisa ser mais corajoso. Como teu pai.

SRA. TÉPAN — Vou pôr um disco na vitrola.

(Põe o disco: um passo-doble. Os três ficam ouvindo, sentados no chão)

SR. TÉPAN — Isto é que é música, sim senhora. Olê!

(A música continua. Entra um soldado inimigo, Zepo. Está vestido da mesma maneira que Zapo. SÓ A COR DIFERE. Zepo está de verde e Zapo de cinza. Zepo ouve a música, embasbacado. Está atrás da família, que não pode vê-lo. Ao levantar-se, Zepo vê Zapo. Os dois põem as mãos ao alto. O Sr. e Sra. Tépan os observam bastante espantados)

SR. TÉPAN — O que é que há?

(Zapo reage, hesita, finalmente, com ar decidido, mira Zepo com seu fuzil. Zepo levanta os braços ainda mais apavorado. Zapo não sabe o que fazer, de repente. Vai rapidamente até junto de Zepo e dá-lhe um toque no ombro, de leve, dizendo ao mesmo tempo)

ZAPO — Peguei um prisioneiro! Pronto. *(Dirigindo-se ao pai, muito feliz)*

SR. TÉPAN — Muito bem. E agora, o que é que você vai fazer com ele?

ZAPO — Não sei, mas é bem capaz que eu seja promovido a cabo.

SR. TÉPAN — Por enquanto é melhor amarrá-lo!

ZAPO — Amarrá-lo? Por quê?

SR. TÉPAN — Um prisioneiro, a gente amarra.

ZAPO — Como?

SR. TÉPAN — Pelas mãos.

SRA. TÉPAN — Claro, é preciso amarrar-lhe as mãos. Sempre vi fazer isso.

ZAPO — Muito bem. *(Ao prisioneiro)* Junte as mãos, por favor.

ZEPO — Não me machuque muito, tá?

ZAPO — Tá.

ZEPO — Ai! Está me machucando.

SR. TÉPAN — Ora, não maltrate o seu prisioneiro.

SRA. TÉPAN — Foi assim que eu te eduquei? Quantas vezes te disse que se deve ser atencioso com os outros?

ZAPO — Foi sem querer. (*A Zepo*) E assim, dói?

ZEPO — Não, assim não.

SR. TÉPAN — Não faça cerimônias, pode falar francamente; não se preocupe conosco.

ZEPO — Assim está bem.

SR. TÉPAN — Agora os pés.

ZAPO — Os pés também? Que trabalhadeira!

SR. TÉPAN — Mas não lhe ensinaram as regras?

ZAPO — Ensinaram.

SR. TÉPAN — Então?

ZAPO — (*A Zepo, muito educadamente*) Quer fazer o obséquio de sentar-se no chão?

ZEPO — Está bem, mas não me machuque.

SRA. TÉPAN — Está vendo? Ele vai ficar com raiva de você.

ZAPO — Claro que não. Estou machucando o senhor?

ZEPO — Não, está tudo bem.

ZAPO — (*repentinamente*) Papai, que tal se você tirasse uma fotografia. O prisioneiro no chão, e eu com um pé na barriga dele?

SR. TÉPAN — Isso. Vai ficar ótimo!

ZEPO — Ah, isso não, não quero!

SRA. TÉPAN — Ah, diga que sim, não seja desmancha prazeres.

ZEPO — Não. Eu disse que não e é não.

SRA. TÉPAN — Um retratinho de nada, não vai lhe fazer mal nenhum. Poderíamos colocá-lo na sala de jantar, ao lado do diploma de salvamento que o meu marido ganhou treze anos atrás.

ZEPO — Não adianta, a senhora não vai me convencer.

ZAPO — Mas por que você não quer?

ZEPO — Sou noivo. E se algum dia minha noiva vir essa fotografia, vai dizer que não sei lutar na guerra.

SR. TÉPAN — Ora, é só dizer que não é o senhor, que é uma pantera. Anda, diga que sim.

ZEPO — Está bem. Mas é só para agradar a senhora.

ZAPO — Se espiche aí.

(Zepo deita-se completamente. Zapo coloca um pé sobre a barriga dele, e segura o fuzil com ar marcial)

SRA. TÉPAN — Estufe o peito mais um pouco.

ZAPO — Assim?

SRA. TÉPAN — Faça cara de herói.

ZAPO — Cara de herói? Como é que é?

SR. TÉPAN — Ora, imite a cara do açougueiro quando contava suas façanhas amorosas.

ZAPO — Assim?

SR. TÉPAN — Assim, exatamente.

SRA. TÉPAN — Estufe bem o peito e não respire.

ZEPO — Ainda vai demorar muito?

SR. TÉPAN — Um pouco de paciência. Um, dois, três.

ZAPO — Tomara que eu saia bem.

SRA. TÉPAN — Vai sair sim, você estava muito marcial.

SR. TÉPAN — Você estava muito bem.

SRA. TÉPAN — Estou até com vontade de tirar um retrato com você.

SR. TÉPAN — Boa idéia.

ZAPO — Está certo. Eu bato.

SR. TÉPAN — Me dá seu capacete. Assim eu fico parecendo um soldado.

ZEPO — Não quero mais saber de retraio. Um já chega.

ZAPO — Que bobagem. Que diferença faz para o senhor?

ZEPO — É a minha última palavra.

SR. TÉPAN — (*à mulher*) Não insistam. Os prisioneiros são sempre muito suscetíveis. Se insistir, ele vai se zangar e estragar a festa.

ZAPO — Está bem. E agora, o que é que se faz com ele?

SRA. TÉPAN — Podemos convidá-lo para almoçar. Que é que você acha?

SR. TÉPAN — Não vejo nenhum inconveniente.

ZAPO — (*a Zepe*) O senhor almoça conosco, não almoça?

ZEPO — Hum...

SR. TÉPAN — Temos aí um bom vinho.

ZEPO — Então tá.

SRA. TÉPAN — Faça como se estivesse em sua casa. Se não gostar, pode reclamar.

ZEPO — Está bem.

SR. TÉPAN — Diga-me, o senhor tem acertado o alvo?

ZEPO — Quando?

SR. TÉPAN — Nesses dias, ora.

ZEPO — Onde?

SR. TÉPAN — Ora, o senhor não está na guerra?

ZEPO — Não, quase nada. Quase nunca acerto no alvo.

SR. TÉPAN — O que é que o senhor tem acertado mais? Cavalos inimigos ou soldados?

ZEPO — Não, cavalo nenhum. Não tem mais cavalo.

SR. TÉPAN — Soldados, então?

ZEPO — Pode ser.

SR. TÉPAN — Como pode ser? O senhor não tem certeza?

ZEPO — E que eu atiro sem mirar. (*Pausa*) E rezo uma ave-maria pelo sujeito que acertei.

ZAPO — Uma ave-maria? Pensei que fosse um padre-nosso.

ZEPO — Não, é sempre uma ave-maria. *(Pausa)* É mais curto.

SRA. TÉPAN — *(a Zepo)* Se o senhor quiser, podemos desamarrá-lo.

ZEPO — Não senhora, pode deixar. Estou bem.

SR. TÉPAN — Não comece a fazer cerimônias conosco. Se quiser que a gente desamarre, é só falar.

SRA. TÉPAN — Fique à vontade.

ZEPO — Bom, já que insistem, podem desamarrar meus pés. Mas faço isso só para agradar a senhora.

SR. TÉPAN — Zapo, desamarre ele. *(Zapo desamarra)*

SRA. TÉPAN — Então, está se sentindo melhor agora?

ZEPO — Estou, claro. Mas acho que estou incomodando.

SR. TÉPAN — De jeito nenhum, faça como se estivesse em sua própria casa. E se quiser que a gente desamarre as mãos, é só pedir.

ZEPO — Não, as mãos, não. Não quero incomodar.

SR. TÉPAN — Menino, desamarre as mãos dele.

SRA. TÉPAN — Que bom! Já que o senhor prisioneiro é tão simpático, vamos passar um ótimo dia no campo.

ZEPO — Não me chame de senhor prisioneiro. Diga só prisioneiro, por favor.

SRA. TÉPAN — O senhor não se incomoda?

ZEPO — Não senhora, absolutamente.

SR. TÉPAN — O senhor é muito modesto.

(Ruído de aviões)

ZAPO — Aviões. Na certa, vão nos bombardear.

(Zapo e Zepo atiram-se sobre os sacos de areia, escondendo-se)

ZAPO — *(aos pais)* Abriguem-se. As bombas vão cair em cima de vocês.

(O barulho dos aviões domina todos os outros. Imediatamente, as bombas começam a cair. Os obuses caem muito perto da cena. Mas sem atingi-la. Barulho ensurdecedor.)

Zapo e Zepo estão agachados no meio dos sacos. O Sr. Tépan conversa calmamente com a mulher, que lhe responde no mesmo tom tranqüilo. Não se ouve o diálogo por causa do bombardeio. A Sra. Tépan vai apanhar um dos objetos que trouxeram, extraindo um, guarda-chuva como se estivesse chovendo. Estão de pé. Falam de seus negócios particulares, enquanto se balançam em cadência de um pé para o outro. O bombardeio continua. Finalmente, os aviões afastam-se. Silêncio. O Sr. Tépan estende um braço para fora do guarda-chuva para assegurar-se que não está caindo mais nada do céu)

SR. TÉPAN — *(à mulher)* Pode fechar.

(A Sra. Tépan obedece. Os dois aproximam-se do filho, cutucando-lhe o traseiro de leve, com ajuda do guarda-chuva)

SR. TÉPAN — Vamos, vamos. Podem sair. O bombardeio já acabou.

(Zapo e Zepo saem do esconderijo)

ZAPO — Tudo bem com vocês?

SR. TÉPAN — E você acha que podia ter acontecido alguma coisa com seu pai?
(Orgulhoso) Aquelas bombinhas, imagine! Acho até graça!

(Entra à esquerda um casal de soldados da Cruz Vermelha. Carregam uma maca)

1º ENFERMEIRO — Tem mortos? Tem?

ZAPO — Não, por aqui, nenhum.

1º ENFERMEIRO — Tem certeza? Olharam bem?

ZAPO — Olhamos.

1º ENFERMEIRO — Nenhum morto mesmo?

ZAPO — Estou dizendo que não.

1º ENFERMEIRO — Nem mesmo um ferido?

ZAPO — Nem isso.

2º ENFERMEIRO — *(ao primeiro)* Essa, não. Não faltava mais nada! *(A Zepo, em tom persuasivo)* Veja por aí se não encontra um defunto.

1º ENFERMEIRO — Não insista, eles já disseram que não tem.

2º ENFERMEIRO — Que sujeira!

ZAPO — Sinto muito. Não foi de propósito, podem crer.

2º ENFERMEIRO — É o que todo mundo diz. Que não tem morto e que não foi de propósito.

SR. TÉPAN — Deixe o cavalheiro em paz (*Pensativo*) Se pudermos fazer alguma coisa pêlos senhores, será um prazer. Estamos às suas ordens.

2º ENFERMEIRO — Essa é boa. Se as coisas continuam assim, não sei o que o capitão vai dizer.

SR. TÉPAN — Mas... De que se trata?

1º ENFERMEIRO — Acontece que os outros estão com os pulsos doendo de tanto carregar cadáveres e feridos, e nós ainda não encontramos nada. E não foi por falta de procurar.

SR. TÉPAN — Compreendo, realmente é muito desagradável! (*A Zapo*) Você tem certeza que não há nenhum morto?

ZAPO — Claro que não, papai.

SR. TÉPAN — Você olhou direitinho debaixo dos sacos?

ZAPO — Olhei, papai.

SR. TÉPAN — (*furioso*) Diga logo de uma vez que você não quer fazer nada para ajudar estes cavalheiros tão amáveis!

1º ENFERMEIRO — Não precisa brigar com ele. Pode deixar. Pode ser que a gente tenha mais sorte numa trincheira em que tenham morrido todos.

SR. TÉPAN — Ficarei muito satisfeito.

SRA. TÉPAN — Eu também. Não há nada que me agrade tanto quanto as pessoas que levam seu trabalho a sério.

SR. TÉPAN — (*indignado, gritando*) Então, não se vai fazer nada para ajudar esses cavalheiros?

ZAPO — Se dependesse de mim, já estaria feito.

ZEPO — E de mim também.

SR. TÉPAN — Mas nenhum de vocês está sequer ferido?

ZAPO — (*envergonhado*) Eu, não.

SR. TÉPAN — (*a Zepo*) E o senhor?

ZEPO — (*envergonhado*) Eu também, não. Nunca tive sorte.

SRA. TÉPAN — *(contente)* Ah! agora me lembro! Hoje de manhã, descascando cebolas, cortei o meu dedo. Serve?

SR. TÉPAN — Claro que serve. *(Entusiasmado)* Eles vão te transportar imediatamente!

1º ENFERMEIRO — Não, não serve. As senhoras não servem.

SR. TÉPAN — Então, continuamos na mesma.

1º ENFERMEIRO — Paciência!

2º ENFERMEIRO — Pode ser que seja melhor nas outras trincheiras. *(Recomeçam a andar)*

SR. TÉPAN — Não se preocupem. Se encontrarmos um morto, vamos guardá-lo para os senhores. Não o entregaremos a mais ninguém, podem ficar sossegados.

2º ENFERMEIRO — Muito obrigado, meu senhor.

SR. TÉPAN — De nada, amigo, de nada. Não precisa agradecer.

(Os quatro respondem. Os enfermeiros saem)

SRA. TÉPAN — São essas coisas que tornam agradável um domingo no campo. A gente sempre encontra pessoas simpáticas. *(Pausa)* Mas por que é que o senhor é inimigo?

ZEPO — Não sei. Não tive muita instrução.

SRA. TÉPAN — É de nascença, ou o senhor só se tornou inimigo mais tarde?

ZEPO — Não sei, não sei disso não.

SR. TÉPAN — Então, como foi que o senhor veio pra guerra?

ZEPO — Um dia, eu estava em casa, consertando o ferro de passar de mamãe, e chegou um homem que me disse: "É o senhor que se chama Zepo?" — Sou eu, sim. Muito bem, você precisa ir para a guerra." Aí, então, eu perguntei: "Mas que guerra?" e ele me disse: "Você não lê os jornais, infeliz?" Aí, então, eu disse que lia, mas não as histórias de guerra...

ZAPO — Comigo também foi assim.

SR. TÉPAN — Eles também vieram te buscar.

SRA. TÉPAN — Não-, senhor, não foi a mesma coisa. Você naquele dia não estava consertando um ferro de passar. Estava consertando o carro.

SR. TÉPAN — Eu estava falando do resto. (*A Zepo*) Continue. O que foi que aconteceu depois?

ZEPO — Aí, então, eu disse a ele que tinha uma noiva e que se eu não levasse ela ao cinema domingo, ela ia se chatear. Ele me disse que isso não tinha importância.

ZAPO — Comigo foi a mesma coisa.

ZEPO — Aí meu pai veio correndo e disse que eu não podia ir pra guerra porque eu não tinha cavalo.

ZAPO — Meu pai também.

ZEPO — Aí aquele senhor respondeu que não era mais preciso ter cavalo e eu perguntei se podia levar a minha noiva. Ele disse que não. Aí, perguntei se podia levar a minha tia para ela fazer pudim pra mim às quintas-feiras, eu gosto muito de pudim.

SRA. TÉPAN — (*dando-se conta de que se esqueceu*) Oh! O pudim!

ZEPO — Aí ele disse outra vez que não.

ZAPO — Pra mim também.

ZEPO — E desde aquele dia eu fico quase sempre sozinho na trincheira .

SRA. TÉPAN — Já que estão tão perto um do outro e se aborrecem tanto, você e o senhor prisioneiro podiam se visitar à tarde.

ZAPO — Ah, isso não, mamãe. Eu tenho medo. Ele é inimigo.

SRA. TÉPAN — Que bobagem! Não deve ter medo.

ZAPO — Se a senhora soubesse o que o general contou dos inimigos!

SRA. TÉPAN — Que foi que ele contou?

ZAPO — Disse que os inimigos são gente muito ruim. Que quando eles têm prisioneiros põem pedrinhas nos sapatos deles para que se machuquem quando andam.

SRA. TÉPAN — Que horror! Que selvagens!

SR. TÉPAN — (*a Zepo, indignado*) O senhor não tem vergonha de pertencer a um exército de criminosos?

ZEPO — Eu não fiz nada não, senhor. Não estou de mal com ninguém.

SRA. TÉPAN — Estava se fingindo de santinho para nós, não é?

SR. TÉPAN — Não devíamos tê-lo desamarrado. Se por acaso ficamos de costas para ele, é bem capaz de pôr uma pedrinha nos nossos sapatos.

ZEPO — Não se zanguem comigo.

SR. TÉPAN — Mas como é que o senhor quer ser tratado? Estou indignado! Ah, já sei o que vou fazer! Vou procurar o capitão e pedir-lhe que me deixe lutar na guerra.

ZAPO — Ele não vai querer. Você está muito velho.

SR. TÉPAN — Então, vou comprar um cavalo e uma espada e vou lutar na guerra à minha maneira.

SRA. TÉPAN — Muito bem! Se eu fosse homem, faria a mesma coisa.

ZEPO — Por favor, minha senhora, não me trate assim. Aliás, agora vou dizer: o nosso general disse exatamente a mesma coisa de vocês.

SRA. TÉPAN — Como é que ele ousou dizer uma mentira dessas?

ZAPO — A mesma coisa? Tem certeza?

ZEPO — Tenho. A mesma coisa.

SR. TÉPAN — Então, talvez tenha sido o mesmo que falou com vocês dois.

SRA. TÉPAN — Mas se foi o mesmo, ele poderia pelo menos mudar de conversa. Que história é essa de dizer a mesma coisa a todo mundo?

SR. TÉPAN — *(a Zepo, outro tom)* Mais um traguinho?

SRA. TÉPAN — Espero que tenha gostado do nosso almoço!

SR. TÉPAN — Pelo menos tudo correu melhor do que no domingo passado.

ZEPO — O que foi que aconteceu no domingo passado?

SR. TÉPAN — Imagine que fomos ao campo e colocamos o nosso farnel sobre o cobertor. Enquanto estávamos olhando para o outro lado, uma vaca comeu o almoço todo, até os guardanapos.

ZEPO — Que esganada!

SR. TÉPAN — Pois é! Mas depois, para compensar, nós comemos a vaca. *(Eles riem)*

ZAPO — *(a Zepo)* Devem ter matado a fome!

SR. TÉPAN — À saúde de todos! *(Todos bebem)*

SRA. TÉPAN — *(a Zepo)* E o que é que o senhor faz para se distrair, na trincheira?

ZEPO — Para me distrair, passo o tempo todo fazendo flores de pano. Sabe, eu me chateio muito.

SRA. TÉPAN — O que é que o senhor faz com as flores?

ZEPO — No começo, eu mandava para minha noiva. Mas um dia ela me disse que a estufa e o porão já estavam cheios, que ela não sabia mais o que fazer com as flores e que, se não fosse incomodo demais, eu lhe mandasse outra coisa. Tentei aprender outra coisa, mas não consegui. Então, continuo fazendo flores de pano para passar o tempo.

SRA. TÉPAN — E depois o senhor joga fora?

ZEPO — Não, agora achei uma utilidade para elas. Dou uma flor para cada companheiro que morre. Assim, já sei que por mais que faça, não vai dar pró gasto.

SR. TÉPAN — O senhor achou uma boa solução.

ZEPO — *(tímido)* Também acho.

ZAPO — Pois eu, para não me chatear, faço tricô.

SRA. TÉPAN — Mas, diga-me uma coisa, será que todos os soldados se chateiam tanto quanto vocês dois?

ZEPO — Depende do que fazem para se distraírem.

ZAPO — Do lado de cá é a mesma coisa.

SR. TÉPAN — Então, vamos acabar com a guerra.

ZEPO — Mas como?

SR. TÉPAN — Nada mais simples. Você diz aos seus companheiros que os inimigos não querem mais saber de guerra, e o senhor diz a mesma coisa aos seus colegas. E todo o mundo volta para casa.

ZAPO — Formidável!

SRA. TÉPAN — Assim o senhor vai poder acabar de consertar o ferro de passar.

ZAPO — Como é possível que ninguém tenha pensado nisso antes?

SRA. TÉPAN — Só mesmo seu pai é capaz de ter uma idéia dessas. Não se esqueça de que ele é ex-aluno da escola normal e filatelista emérito.

ZEPO — Mas o que os marechais e os cabos vão fazer?

SR. TÉPAN — Ora, a gente dá pra eles umas guitarras e castanholas para se distraírem.

ZEPO — Boa idéia.

SR. TÉPAN — Estão vendo como é fácil? Já está tudo resolvido.

ZEPO — Vai ser um sucesso louco.

ZAPO — Os meus colegas vão ficar um bocado contentes.

SRA. TÉPAN — Que tal se tocarmos o passo doble novamente para festejar?

ZAPO — Ótimo! Isso, mamãe. Ponha o disco.

(A Senhora Tépan põe um disco na vitrola. Roda a manivela. Espera. Silêncio. Começa a ouvir-se um alegre passo doble. Zapo dança com Zepo e a Sra. Tépan com o marido. Estão todos muito alegres. Ouve-se o tilintar do telefone da campainha. Nenhum dos quatro percebe que está tocando e continuam dançando com muito empenho. O telefone toca novamente. A dança continua. O combate recomeça com maior estrondo de bombas, tiros, rajadas de metralhadoras. Os quatro nada viram e continuam dançando alegremente. Uma rajada de metralhadora derruba os quatro. Caem mortos no chão. Uma bala deve ter passado pela vitrola. O disco repete sempre a mesma coisa, como um disco riscado. Ouve-se a música do disco arranhado até o fim da peça. Entram à esquerda os dois enfermeiros. Carregam uma maca vazia)

CORTINA

www.desvendandoteatro.com